

## SEÇÃO LIVRE

### TEORIA GERAL DO ESQUECIMENTO: IDENTIDADE, ESPAÇO E MEMÓRIA NO ROMANCE DE AGUALUSA

#### *A GENERAL THEORY OF OBLIVION: IDENTITY, SPACE AND MEMORY IN AGUALUSA'S SHELLWORK*

Tárcila Beatriz da Silva Duarte<sup>56</sup>

**Resumo:** Este trabalho objetiva analisar *Teoria Geral do Esquecimento* (2012), de José Eduardo Agualusa, no que tange à identidade, memória e espaço, sob o olhar da Geografia Humanista Cultural. São trabalhadas dualidades como topofobia/topofilia e espaciosidade/apinhamento em relação à Ludovica, jovem portuguesa, agorafóbica, obrigada a morar em Angola. De seu apartamento, observa o curso das guerras de libertação ao longo dos anos, necessários para que Angola finalmente fosse livre do domínio português. Refletiu-se, então, que o panorama político do país tem forte relação com as obras literárias, retratando o espaço social e anseios do nativo, intervindo na construção e percepção da narrativa, sendo, assim, a paisagem aspecto indissociável do romance. O aporte teórico consiste em Yi-Fu Tuan, com *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência* (2013); Stuart Hall, em *Identidade Cultural na Pós-Modernidade* (2013) e Bauman, em *Identidade* (2005). Encontrou-se respaldo, ainda, em Maurice Halbwachs, em *A Memória Coletiva* (2006).

**Palavras-chave:** Literatura Africana. Agualusa. Identidade. Memória. Geografia Humanista Cultural.

**ABSTRACT:** This work aims to analyze *A General Theory of Oblivion* (2012), by José Eduardo Agualusa, in what concerns identity, memory and space, according to the point of view of cultural humanistic geography. Dualities such as topophobia/topophilia and spaciousness/crowding are analyzed based on Ludovica, the main character, a portuguese lady that has to move to Angola. In her penthouse, she watches the course of Angolans liberation wars. Keeping in mind these elements, we can think that the political landscape of the country has a strong relation with literature, this way, the landscape is an inseparable aspect of the romance. This study bases itself in authors such as Yi-Fu Tuan, in *Space and Place: the perspective of experience* (2013); Stuart Hall, in *Identidade Cultural na Pós-Modernidade* (2013), *Identidade* (2005) by Bauman. This work is also based in *Memória Coletiva* (2006) by Maurice Halbwachs.

**Keywords:** African Literature. Agualusa. Identity. Memory. Humanist Geography.

---

<sup>56</sup> Graduada em Letras/Inglês pela Universidade Federal do Maranhão; Mestranda em Literatura pela Universidade Federal Fluminense/Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura - Niterói, RJ. E-mail: tarcilabsd@gmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

Neste artigo será analisada a obra *Teoria Geral do Esquecimento*, do contemporâneo escritor angolano José Eduardo Agualusa. O romance foi publicado em 2012, mas sua história acontece por volta de 1975, em Angola. Como diversas outras produções recentes, o enredo conta com a Guerra Civil como pano de fundo da história, conflito que no país teve seu estopim ao fim de 1975, quando foi declarada a Independência Angolana e perdurou até 2002. Como personagem principal, Ludovica - também chamada de Ludo, portuguesa que carrega consigo uma peculiaridade: não gosta de lugares abertos.

À certa altura da trama, Ludo passa a morar em um edifício conhecido como “Prédio dos Invejados”, em Angola, junto de sua irmã, Odete, e seu cunhado, Orlando. Seu medo de lugares abertos piora e, além da recusa em sair de casa, desaceita auxílio para cuidar do apartamento, adotando para si as funções domésticas, sempre se renegando a ter contato com a cultura angolana. Em meio aos conflitos da Guerra de Libertação Angolana, Odete e Orlando são dados como desaparecidos e Ludo passa a viver confinada no apartamento. Diante da situação, a personagem utiliza técnicas variadas e curiosas de sobrevivência. A situação prolonga-se por décadas.

A identidade da personagem principal sofre diversas modificações no decorrer da narrativa, sua resistência à cultura angolana vai se alterando aos poucos, com o passar dos anos, em um processo que envolve fragmentação e reconstrução identitária, memória, espaço e lugar. Este trabalho aborda o conceito de identidade a partir das perspectivas de Stuart Hall e Zygmunt Bauman, em suas obras *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade* (2015) e *Identidade* (2005), respectivamente; os conceitos de Espaço e Lugar, sob a perspectiva de Yi-Fu Tuan, em sua obra *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência* (2013), e Edward Relph, com *Place and Placelessness* (2008); e os conceitos inerentes à memória, tratados de acordo com Paul Ricoeur, em *A memória, a história, o esquecimento* (2007), e Maurice Halbwachs, em *A Memória Coletiva* (2006).

## 2 A PERSPECTIVA DA IDENTIDADE, DO LUGAR E DA MEMÓRIA

Em virtude das paisagens multiculturais em constante transformação com as quais tem contato, o sujeito pós-moderno é dotado de uma identidade não fixa, não unificada e carregada de pluriculturalidade. O ser passa por infinitas experiências, construções, rupturas, deslocamentos e fragmentações em seu processo de busca por identificação, um caminho infundável e constituído por aspectos que podem ser, de modo simultâneo, completamente diferentes e intrínsecos. O sujeito apresenta a dualidade entre o ser indivisível e o ser distinto, uma vez que se caracteriza como uma entidade singular e provida de diversos centros de poder, ao mesmo tempo em que é unificada e indivisível. Se a identidade pós-moderna está em constante desenvolvimento, seu curso pode ser conceituado, segundo David Harvey (1989, p. 12), como um “processo sem fim de rupturas e fragmentações internas no seu próprio interior”. A identidade está, portanto, intimamente ligada à sensação de pertencimento:

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade” (BAUMAN, 2005, p. 17).

Em *Identidade* (2005), o sociólogo polonês Zygmund Bauman afirma que a identidade do sujeito não é determinada logo em seu nascimento, mas pode ser estabelecida de acordo com a comunidade a qual pertence, visto que se molda às normas e filosofias daquele corpo social. Questionamentos sobre a própria identidade podem levar a modificações e à busca por outras comunidades que englobem as características individuais do ser, afinal de contas, como afirma Bauman (2005, p. 25), “perguntar ‘quem é você’ só faz sentido se você acredita que possa ser outra coisa além de você mesmo” ou do que lhe foi determinado como identificação, de forma arbitrária. É possível afirmar que o processo de busca pela identidade individual nasce de um conflito por meio do qual

o indivíduo adquire experiências e, por conseguinte, constrói valores. A sensação de pertencimento desejada, por sua vez, é item indispensável na formulação do conceito de identidade nacional.

Atribui-se às nações a mesma sensação de pertencimento referente às tribos, aos domicílios, às religiões, às comunidades locais ou a qualquer outro tipo de comunidade. Fazer parte de um todo dá sentido à existência; compor uma nação desperta a ideia de pertencer a algo, ainda que nação seja considerada uma comunidade imaginária, conforme aponta Stuart Hall: “uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos (...). As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre ‘a nação’, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades” (2015, p. 31, grifo do autor). Bauman afirma ainda que “a identidade nacional objetiva o direito monopolista de traçar a fronteira entre o nós e o eles” (2005, p. 28). A confluência de informações e miscigenação de culturas são típicas de uma era globalizada, constituída por processos que atravessam fronteiras nacionais e misturam culturas, fazendo com que os sujeitos estejam, constantemente, compartilhando experiências e conhecimento. Segundo Hall (2015, p. 41), “a moldagem e a remoldagem de relações espaço-tempo no interior de diferentes sistemas de representação têm efeitos profundos sobre a forma como as identidades são localizadas e representadas”. Assim, a forma como os sujeitos são representados está em constante e acelerada mudança. Surge, então, a necessidade de diferenciação entre os conceitos de espaço e lugar.

Na obra *The Condition of Postmodernity* (1992), David Harvey explana sobre o conceito de lugar, afirmando que os lugares permanecem fixos, visto que são neles que temos “raízes”, enquanto o espaço pode ser cruzado, física ou figurativamente, num piscar de olhos – por avião a jato, por fax ou por satélite. Ou seja, em contrapeso aos conceitos de espaço e tempo, que são dotados de enorme velocidade, variabilidade e fluidez, o lugar tem caráter mais fixo, concreto e específico. A ideia de lugaridade aflora o que o sujeito tem por familiar e onde se reconhece. Deste modo, o lugar se revela elemento imprescindível ao processo de construção identitária.

As experiências decorrentes da relação entre o indivíduo e o espaço se constituem como área básica de estudos da Geografia Humanista Cultural (GHC), corrente geográfica que surgiu na década de 1960, analisando, sob a perspectiva humana, os valores, crenças e atitudes decorrentes da vivência em determinado ambiente e, ademais, a valia que o ser humano emprega ao meio. O geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan, teórico fundamental para a expansão desta corrente, afirma que “o lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro” (2013, p. 13). A vivência necessária para a constituição da ideia de lugaridade abrange os sentidos, os sentimentos e o envolvimento geográfico decorridos da experiência. Lugares são misturas complexas e únicas de elementos naturais e culturais que podem mudar no decorrer do tempo, dotados de significado para o ser humano, sendo importante aspecto na construção identitária dos indivíduos: a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência.

“Experienciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento” (TUAN, 2013, p.18). A ânsia pelo pertencimento é inerente ao ser humano, destarte o homem é dotado da precisão natural de se sentir membro de uma coletividade. Mediante tal necessidade, inicia-se a busca pela lugaridade – por meio de crenças, etnias, medos, valores ou aspirações –, ou seja, o indivíduo cobiça transformar um espaço em seu lugar, devido à sua constante procura: “onde não há nomenclaturas o ambiente é caótico, deficiente de orientação e até assustador, já que não possui pontos de referência humanizados e familiares” (RELPH, 2010, p. 17). O movimento torna exequível o ato de experienciar um espaço, que pode acontecer de forma passiva, quando se trata de algo que se sofreu ou suportou, e/ou ativa, ao enfrentar o desconhecido e se aventurar por espaços novos. Atuando no espaço, o ser adquire conhecimento sobre ele e, assim como existe o espaço dotado de valores e significados – lugar -, existe também o espaço não dotado de valores ou significados – o não-lugar. Aeroportos, rodoviárias e grandes centros comerciais são atribuídos de funcionalidades, por onde as pessoas perambulam a fim de chegarem a algum objetivo, mas aos quais não se relacionam de fato. Segundo o

antropólogo francês Marc Augé, em sua obra *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*, “se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar” (1994, p. 73). Um espaço só se transforma em lugar por conta de seus significados, logo, um espaço pode resultar em um lugar de topofilia ou topofobia, que desperta a sensação de apinhamento ou espaciosidade, conceitos encontrados na obra *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*, de Yi-Fu Tuan.

Espaço e espaciosidade são termos intimamente relacionados, como são densidade de população e apinhamento; mas espaço amplo nem sempre é experienciado como espaciosidade, e alta densidade necessariamente não significa apinhamento. Espaciosidade e apinhamento são sentimentos antitéticos. O ponto no qual um se transforma em outro depende de condições difíceis de generalizar. Para compreender como estão relacionados espaço e número de pessoas, espaciosidade e apinhamento, precisamos explorar seus significados em condições específicas (TUAN, 2013, p. 69).

Dentre os lugares de maior afeição dos seres humanos está a pátria, termo derivado do latim que se refere ao lugar de origem de alguém. Um tipo de lugar confeccionado pelo homem, a partir da necessidade humana de pertencer a algo ou a algum lugar, e que pode ser entendido como local físico – “é uma região (cidade ou interior) grande o suficiente para garantir a subsistência de um povo” (TUAN, 2013, p. 183), e/ou como sentimento, no que tange à afeição pela pátria – “é uma emoção humana comum. Sua intensidade varia entre diferentes culturas e períodos históricos. Quanto mais laços houver, mais forte será o vínculo emocional” (TUAN, 2013, p. 194). Enquanto ninho, a pátria é o ponto central do sistema espacial que a criança experiencia desde o nascimento, sendo equivalente à sensação de pertencimento, segurança, estabilidade e, portanto, lugar de valor primordial, a partir do qual o homem observa o mundo.

Ao aninhar-se em sua pátria e afeiçoar-se a ela, o ser humano pode realizar esses mesmos processos em relação a outro ser humano. O sentimento de lugaridade não necessariamente se limita a uma extensão territorial. Em *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência* (2013), vemos que, “para a criança pequena, os pais são seu ‘lugar’

primeiro. O adulto que lhe protege é para ela uma fonte de alimento e um paraíso de estabilidade. O adulto é também quem dá as explicações à criança, para quem o mundo pode frequentemente parecer confuso” (TUAN, 2013, p. 169). Logo, o conceito de “lugar” pode ser estabelecido de diversas maneiras e um ser humano pode pertencer a diversos lugares. Posto que a lugaridade seja fundamental para a formação identitária do ser humano e que a busca pela identidade é um processo em constante desenvolvimento, tornando possível concluir que a procura por ambos perpassa toda a vida do homem.

Em *A Memória Coletiva* (2013), Maurice Halbwachs aborda a relação entre memória individual e memória coletiva. O teórico considera que nenhuma lembrança pode existir alheia à sociedade, visto que as memórias do sujeito nunca são exclusivamente suas. Segundo o sociólogo, são os grupos sociais que determinam quais acontecimentos são marcantes a ponto de serem lembrados e onde serão salvaguardadas estas memórias. Halbwachs (2013) propõe a existência do conceito de memória individual como um ponto de vista a respeito da memória coletiva, havendo, portanto, estreita relação entre ambas. Para o francês, outro ponto importante para a construção da memória é o espaço, uma vez que os indivíduos tendem a ser influenciados pelo espaço no qual estão incorporados. Na obra *Teoria Geral do Esquecimento* (2012), é abordada, de forma contínua, a relação entre identidade e memória, tendo em vista a relevância destes aspectos culturais e o papel de ambos no processo de reconstrução da identidade da personagem principal, Ludovica:

Ao abordarmos a tríade cultura, identidade e memória pressupõem fazermos observações em diferentes ângulos a partir da personagem Ludo, uma vez que estão interligadas. Portanto, não podemos falar em construção de identidade sem colocarmos em consideração os fatores culturais que envolvem a personagem, estrangeira; que passa a viver em um país em que a mesma resolve não pertencer. (...) Dessa forma, entender a construção identitária da personagem Ludo significa, antes de tudo, conhecer os elementos culturais de que ela faz parte e de outros que se relacionam com seu passado (SILVA, 2015. p. 16).

O romance de *Agualusa* traz a história de Ludovica Fernandes Mano. Portuguesa, residente em Aveiro, a jovem Ludo apresentava, desde criança, uma forte repulsa em relação a sair de casa e a enfrentar espaços abertos:

Ludovica nunca gostou de enfrentar o céu. Em criança, já a atormentava um horror a espaços abertos. Sentia-se, ao sair de casa, frágil e vulnerável, como uma tartaruga a quem tivessem arrancado a carapaça. Muito pequena, 6, 7 anos, recusava-se a ir para escola sem a proteção de um guarda-chuva negro, enorme, fosse qual fosse o estado do tempo. Nem a irritação dos pais, nem a troça cruel das outras crianças a demoviam. Mais tarde, melhorou. Até que aconteceu aquilo que ela chamava de *O Acidente* e passou a olhar para esse pavor primordial como uma premonição (AGUALUSA, 2012, p. 11).

Quando seus pais falecem, a jovem passa a morar com Odete. Ambas ganham a vida como professoras de línguas e Ludo mantém seu posicionamento quanto aos espaços abertos. Então, Odete conhece Orlando, angolano e engenheiro de minas. Apaixonados, decidem se casar e viver em Angola, obrigando Ludo, que não se imaginava vivendo sozinha, a se mudar para África junto com o casal:

A viagem foi difícil para Ludo. Saiu de casa atordoada, sob o efeito de calmantes, gemendo e protestando. Dormiu durante todo o voo (...) no mês seguinte, estavam instalados num apartamento imenso, no último andar de um dos prédios mais luxuosos de Luanda. O chamado *Prédio dos Invejados*” (AGUALUSA, 2012, p. 12).

Ludo insistia em cuidar da casa sozinha, enquanto Orlando fazia o possível para seu conforto; certa tarde, presenteou a moça com um pastor alemão albino, que foi batizado de Fantasma. Ambas as irmãs apresentaram receios em relação à cultura angolana, em especial durante o período em que se iniciaram as guerras para a libertação do país. Ludo passa a viver em Angola pouco antes de 1975, período de tensão política - devido à força de movimentos pró-independência, como o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) - que antecede a Guerra de Independência do país.

Àquela altura, o Prédio dos Invejados se encontrava quase vazio. Orlando, embora temesse as partes mais extremistas do movimento, passou a se envolver nos conflitos. Quando sua esposa insistia em abandonar o país, o angolano afirmava que “Elas podiam ir. Os colonos deveriam embarcar. Ninguém os queria ali” (AGUALUSA, 2012, p. 19):

Os terroristas, querido, os terroristas... Terroristas? Não volte a usar essa palavra na minha casa. Orlando nunca gritava. Sussurrava em tom ríspido, o gume da voz encostando-se como uma navalha à garganta dos interlocutores: Os tais terroristas combateram pela liberdade do meu país. Sou angolano. Não sairei. Decorreram dias agitados. Manifestações, greves, comícios. Ludo cerrava as vidraças para evitar que o apartamento se enchesse das gargalhadas do povo nas ruas, estalando no ar como fogo de artifício (AGUALUSA, 2012, p. 14).

Certa noite, o casal saiu para uma festa e jamais retornou, deixando Ludovica sozinha. A seguir, ocorre uma tentativa de furto do apartamento que leva a moça a atirar em um dos furtadores, que acaba falecendo. Então, Ludo constrói uma parede que separa o seu apartamento do resto do edifício e permanece ali, contando apenas com a companhia de Fantasma, o pastor albino, por quase três décadas.

A narrativa continua de forma alternada quando, ocasionalmente, o narrador se mostra onisciente - 3ª pessoa – e, por vezes, desponta como relato pessoal em linguagem poética - 1ª pessoa, onde são colocadas as palavras que a própria Ludo escreve em seus diários. O medo e a solidão pesam sobre seus ombros e a portuguesa se sente alheia à toda cultura do país:

Sinto medo do que está para além das janelas, do ar que entra às golfadas, e dos ruídos que traz. Receio os mosquitos, a miríade de insetos aos quais não sei dar o nome. Sou estrangeira a tudo, como uma ave caída na correnteza de um rio. Não compreendo as línguas que me chegam lá de fora, que o rádio traz para dentro de casa, não compreendo o que dizem, nem sequer quando parecem falar português, porque esse português que falam já não é o meu. Até a luz me é estranha. Um excesso de luz. Certas cores que não deveriam ocorrer num céu saudável. Estou mais próxima do meu cão do que das pessoas lá fora (AGUALUSA, 2012, p. 31).

Ludovica observa o desenrolar da vida em Angola. Durante os anos que seguiram à independência, o Prédio dos Invejados começa a ser reocupado sem que as pessoas notem a existência de seu apartamento. A portuguesa assiste às mudanças socioeconômicas, ao desespero dos nativos causado pela miséria – rastros das guerras e permanece temendo os angolanos - os quais ela enxerga como selvagens, seres indefinidos e misteriosos, não mantendo verdadeiro contato -, seus rituais, a escuridão do céu, sente-se esmagada e reflete isso em seus devaneios cotidianos. A partir disso, Agualusa adapta a memória nacional de Angola, mesclando-a à narrativa ficcional de *Teoria Geral do Esquecimento*.

#### **4 IDENTIDADE, LUGAR E MEMÓRIA EM TEORIA GERAL DO ESQUECIMENTO**

Ludovica passa por diversos processos como a desconstrução de sua identidade, o esquecimento, o apinhamento – conceitos a serem mais explorados posteriormente; o apartamento se torna um lugar sem lugaridade; a portuguesa não se sente pertencente nem a Portugal, nem a Angola; transforma a biblioteca de Orlando, seu cunhado, e todas as paredes que a cercam em relatos pessoais sobre sua vivência e, gradativamente, perde a maior parte de sua visão. A portuguesa perde a si mesma em meio ao isolamento, e é então que começa a se reconstruir. Um dos primeiros sinais do novo olhar de Ludo sobre Angola é relatado em sua reflexão sobre as figuras de um quadro pendurado em uma das paredes do apartamento:

Na parede da sala de visitas estava pendurada uma aguarela representando um grupo de mucubais a dançar. Ludo conhecera o artista, Albano Neves e Sousa, um tipo brincalhão, divertido, velho amigo do cunhado. Ao princípio, odiou o quadro. Via nele um resumo de tudo o que a horrorizava em Angola: Selvagens celebrando algo – uma alegria, um augúrio feliz- que lhe era alheio. Depois, pouco a pouco, ao longo dos compridos meses de silêncio e de solidão, começou a ganhar afeto por aquelas figuras que se moviam, em redor de uma fogueira, como se a vida merecesse tanta elegância (AGUALUSA, 2012, p. 95).

Conhecemos Sabalu, já no final da narrativa, quando, aos sete anos, o menino escala todo o Prédio dos Invejados por andaimes e conhece Ludovica. Inicialmente, o objetivo do garoto seria saquear o apartamento, todavia o garoto passa a cuidar de Ludo - que nesse ponto já se encontrava quase cega e com uma perna quebrada -, a quem chama de avó, fornecendo-lhe remédios e alimentos. A senhora ensina o jovenzinho a ler e, em troca, ele lê em voz alta para ela durante sua convalescência e lhe fala sobre o mundo além do apartamento: “enquanto jogava, falava-lhe da vida, lá fora. Para a mulher era como ter um extraterreste revelando-lhe os mistérios de um planeta remoto” (AGUALUSA, 2012, p. 104).

Tendo em vista o estado debilitado da mulher, que sofria de febres e inflamações, o menino já havia cogitado a possibilidade de quebrar a parede que separava o apartamento do resto do prédio, para que Ludo pudesse consultar um médico, entretanto a senhora reafirmava para si mesma que “preferia morrer ali, prisioneira, porém livre, como vivera nos últimos trinta anos. Livre?” (AGUALUSA, 2012, p. 102). Contudo, certa tarde, ambos entram em desespero ao descobrirem que os andaimes pelos quais o jovem subira estavam sendo desmontados. Sabalu, então, convence Ludovica a derrubar a parede construída 28 anos antes diante da porta do apartamento: “O rapaz foi buscar uma picareta e, com meia dúzia de violentas pancadas, abriu um buraco na parede” (AGUALUSA, 2012, p. 104). Sabalu é um ponto decisivo para que Ludo, enfim, derrube a parede que construíra para se isolar de Angola.

#### **4.1 Fragmentação identitária e o processo da memória**

Quando em Portugal, a despeito de seus temores, Ludovica passava horas e horas observando o céu: “ao anoitecer, aproximava-se da janela e olhava para a escuridão como quem se debruça sobre um abismo” (AGUALUSA, 2012, p. 13). Já em Angola, Ludo se recusava a frequentar o terraço e evitava sequer chegar perto das janelas do apartamento: “nos primeiros meses não se atrevia sequer a aproximar-se das janelas. O céu da África é muito maior que o nosso, explicou à irmã. Esmaga-nos” (AGUALUSA, 2012, p. 14). Essa resistência faz referência tanto ao espaço geográfico de ambos os

países, já que a extensão territorial de África é superior à de Portugal, quanto à diferenciação feita por Ludovica e Odete entre o “eu”, os portugueses, e os “eles”, os angolanos:

As portuguesas, mesmo estando em território angolano, sentem-se superiores aos africanos e, por meio de falaciosos discursos, manifestam preconceito e rejeição à libertação da ex-colônia. Por exemplo, ao se referir ao primo do marido, Odete não o considera um igual; para ela um negro será sempre o “outro”. Assim, caracteriza-o com desdém: “Fala como um preto. Além disso, fede a catinga. Sempre que vem aqui empesta a casa inteira” (AGUALUSA, 2012, p. 15). De certo modo, o autor sugere que a civilização europeia é responsável pelo racismo colonial. Assim, para ela, qualquer negro que defendesse a Independência não passava de um terrorista, de acordo com o ponto de vista da metrópole que ela representa (AGUALUSA, 2012 apud FONSECA E SILVA, 2015, p. 4).

Essa diferenciação que, no caso das portuguesas, encontra-se repleta de preconceitos, representa uma barreira entre angolanos e portugueses e abre espaço para diversas dualidades entre os dois povos: colonizadores/colonizados, brancos/negros, civilizados/selvagens. Ludo se apegava à sua identidade nacional portuguesa por temer o desconhecido, em especial o povo angolano, o qual a jovem considerava “selvagem”. A irmã de Ludo, Odete, chegava a referir-se aos nativos angolanos envolvidos nas guerras de libertação como terroristas, a contragosto de Orlando:

“Terroristas? Nunca mais volte a usar essa palavra na minha casa. Orlando nunca gritava. Sussurrava num tom ríspido, o gume da voz encostando-se como uma navalha à garganta dos interlocutores: Os tais terroristas combateram pela liberdade do meu país. Sou angolano” (AGUALUSA, 2012, p. 14).

A segregação entre o “eu” e o “eles” é um aspecto típico da construção das identidades sociais individuais, enquanto a definição entre “nós” e “eles” é um forte aspecto da chamada identidade nacional. Tais construções identitárias são processos em constante e contínua construção, além de estarem intrinsecamente ligados aos aspectos culturais que cercam os indivíduos. Tratando-se de *Teoria Geral do Esquecimento*

(2012), pode-se afirmar que as identidades das personagens retratadas durante a narrativa – sendo habitantes de Angola - encontravam-se fragmentadas, devido aos transtornos e tensões causados tanto pela guerra quanto pela instabilidade política dos anos que se seguiram, onde diversos governos tomaram o poder sem, no entanto, permanecerem ou aprimorarem os aspectos socioeconômicos do país.

Deste modo, trata-se, também, da fragmentação da identidade cultural de Angola – base para a construção da identidade nacional do país – enquanto nação, visto que, se “as questões de identidade nacional estão ainda em processo, a construção da identidade cultural de sujeitos que, no momento contemporâneo, vivem em contextos de descolonização tardia, certamente expressará a sensação de descentramento, de fragmentação” (FONSECA E SILVA, 2015, p. 9). No caso da personagem principal do romance, Ludovica Fernandez Mano, o processo de fragmentação e reconstrução de sua identidade começa desde o momento em que ocorre o seu deslocamento de Portugal para Angola. Em seguida, sucede o desaparecimento de sua irmã e cunhado, fato que leva à construção da parede em frente à porta do apartamento e, dessa forma, além da condição pré-existente de exílio, Ludo lança a si mesma a um isolamento social onde suas únicas companhias eram Fantasma, o pastor alemão albino e suas memórias. Jobson Soares da Silva afirma que:

(...) o muro que separa Ludo do restante do edifício pode até ser considerado um dado real, no entanto, este muro evidencia a metáfora do esquecimento. De fato, é a própria teoria alavancada pelo autor no formato de ficção. Dessa forma, consideramos que a teoria geral do esquecimento é a maneira que Ludo encontrou para reconstruir sua identidade, a partir da memória e do esquecimento (SILVA, 2015, p. 23).

Desse jeito, é possível perceber que memória e identidade, no que tange ao romance, são processos intimamente ligados, de forma que um não existe sem o outro. Ludovica apegou-se às memórias de Portugal, entretanto fatores como a distância de sua terra natal e a ausência de pessoas queridas que esperassem pelo seu retorno às terras lusitanas contribuíram para o processo de esquecimento que ocorre durante os seus anos de clausura.

Fantasma viveu por um período surpreendentemente longo como uma representação da identidade portuguesa que insistia em assombrar Ludovica. O animal faleceu de forma silenciosa, e, ainda assim, Ludovica, às vezes, tinha ainda a impressão de ouvir seus latidos. Ludo entendia-se, diariamente, com a solidão, com seu próprio esforço em ignorar seu entorno, repleto da cultura africana, dos nativos, dos animais peculiares ao país e da língua, um português que não era o seu.

Desvincular-se de uma identidade nacional, a qual era ligada desde o nascimento e, assim, perder suas âncoras sociais, foi um processo naturalmente lento e doloroso para Ludovica, no qual resultou na fragmentação, também, de sua identidade individual. Contudo, se o que sustenta a busca por uma identidade é a ânsia pelas sensações de segurança e pertencimento, a pós-modernidade, vinculada ao processo de globalização, compreende um conceito de identidade nacional que não está exclusiva e irrefutavelmente presa ao lugar de nascimento do sujeito. Ou seja, a identidade nacional passa a estar mais relacionada à experiência individual que cada pessoa tem - em relação aos lugares - e aos sentimentos desenvolvidos a partir desta relação:

Não mais monitorados e protegidos, cobertos e revigorados por instituições em busca de monopólio – expostas, em vez disso, ao livre jogo de forças concorrentes -, quaisquer hierarquias ou graus de identidades, e particularmente os sólidos e duráveis não são nem procurados nem fáceis de construir. As principais razões de as identidades serem estritamente definidas e desprovidas de ambiguidade (tão bem definidas e inequívocas quanto a soberania territorial do Estado), e de manterem o mesmo formato reconhecível ao longo do tempo, desapareceram ou perderam muito do poder constrangedor que um dia tiveram. As identidades ganharam livre curso, e agora cabe a cada indivíduo, homem ou mulher, capturá-las em pleno voo, usando os seus próprios recursos e ferramentas (BAUMAN, 2005, p. 35).

Vagarosamente, após o processo de deslocamento, Ludovica compreende que não há ninguém esperando por ela do lado de fora do apartamento e começa a questionar sobre a própria existência, registrando seus pensamentos em diários e, mais tarde, em livros encontrados na biblioteca de seu cunhado, seguidos pelas próprias paredes do apartamento. Ludo insistiu, por muito tempo, na tentativa de manter sua identidade

nacional viva. A portuguesa acompanhou, por anos, o dia a dia de Che-Guevara, o macaco que habitava a cobertura do prédio ao lado, tendo nele um dos elementos que a aproximavam de Angola. Observá-lo dava-lhe uma sensação de bem-estar, justificada pelo julgamento de que ambos eram seres em certa situação de cárcere, na qual não deveriam estar representando erros: “Costumava vê-lo, a deslizar pelas paredes, a correr pelos pátios e telhados, a procurar refúgio nos ramos mais altos da enorme mulemba. Vê-lo fazia-lhe bem. Eram seres próximos, ambos um equívoco, corpos estranhos no organismo exultante da cidade” (AGUALUSA, 2012, p. 63). Havia, ainda, a figura da antena rebelde, uma provável representação da situação em que a portuguesa se encontrava, elemento cuja existência trazia conforto a Ludo:

Mudando ligeiramente de posição, Ludo podia contemplar as antenas parabólicas. Dezenas, centenas, milhares delas, cobrindo os telhados dos prédios, como fundos. Desde há muito tempo que as via voltadas para Norte. Todas, exceto uma – a antena rebelde. Outro erro. Costumava pensar que não morreria enquanto a antena se mantivesse de costas para as outras. Enquanto Che Guevara sobrevivesse, não morreria (AGUALUSA, 2012, p. 63).

Momentos mais tarde, o macaco apareceria no apartamento de Ludo. Ambos se encontravam desesperados, assombrados pela fome, pelo medo e pela morte. Ludovica, então, engana o macaco, oferecendo-lhe comida e o mata. Na manhã seguinte, enquanto temperava a carne de Che Guevara, a jovem observa que a antena rebelde já não se encontrava virada para o norte, mas para o sul, como todas as outras. São extintos, então, dois elementos que aproximavam Ludovica da humanidade e, assim, cada vez mais sozinha e sem esperanças.

Che Guevara, o símio, é um dos fortes símbolos encontrados na narrativa de Agualusa, bem como o cão de Ludo, Fantasma, e a osga que encara Jeremias Carrasco. No caso, Ludo aparece como uma representação do colonizador imperialista português, enquanto o macaco é um animal nativo do país, batizado com o nome de um ícone da luta contra o capitalismo e o imperialismo – Ernesto Che Guevara. Dessa forma, a simbologia presente neste trecho faz alusão à situação política em que Angola se encontrava, durante a Guerra Civil e nos primeiros anos pós-independência, onde governos socialistas

travavam constantes embates ambicionando o poder. Ademais, “Nesta situação, entendemos que a morte física deste animal consolida, simbolicamente, a derrocada de qualquer utopia socialista na sociedade angolana” (MOURA FREITAS, 2014, p. 9).

Àquela altura, Ludo beirava à invisibilidade, não havia registros de sua existência ou qualquer pessoa em África ou Portugal que a lembrasse. Ocasionalmente, a portuguesa chegava a ansiar pelo próprio esquecimento, posto que este seria o passo inicial para a reconstrução de sua identidade:

Fechou os olhos. Se morresse ali, assim, naquele lícido instante, enquanto lá fora o céu bailava, vitorioso e livre, isso seria bom. Decorreriam décadas antes que alguém a encontrasse. Pensou em Aveiro e compreendeu que deixara de se sentir portuguesa. Não pertencia a lado nenhum. Lá, onde nascera, fazia frio. Reviu as ruas estreitas, as pessoas caminhando, de cabeça baixa, contra o vento e o enfado. Ninguém a esperava (AGUALUSA, 2012, p. 63).

Ludovica é construída como um reflexo da própria Angola, ambas lutando pela reconstrução de si. A personagem necessita passar pelo processo de deslocamento e esquecimento para que seja possível a reconstrução de sua identidade cultural, abandonando medos e preconceitos. O país luta por várias décadas em prol de sua independência e, quando finalmente consegue, enfrenta anos de guerra civil e conflitos sócio-políticos internos agravados pela instabilidade política – marcada pela alternância constante entre partidos socialistas no poder: “Deste modo, a pesquisa em torno da identidade e da memória faz-se relevante por descrever o processo de deslocamento perpassado pelo personagem, na tentativa de (re) assumir uma nova condição em seu contexto” (SILVA, 2015, p. 15). A construção da memória é um processo essencialmente conectado à estruturação ou reestruturação da identidade do sujeito, e ambos se entrelaçam à bagagem cultural do indivíduo, que também se caracteriza como um processo em constante estruturação: “(...) as culturas nacionais ao produzir sentidos sobre a nação com os quais podem se identificar, constroem identidades. São memórias que conectam o passado e o presente, e as imagens que serão construídas” (SILVA, 2015, p. 18).

A situação sociopolítica que se delineia em Luanda reflete-se em Ludovica e reverbera, também, em Jeremias Carrasco. Um e outro tinham contato diário com a cultura nacional angolana e lidavam com essa força multicultural do país de forma distinta, contudo ambos encontravam-se expatriados e tinham o medo como sentimento em comum: “Os personagens, além dela, querem ser esquecidos, pois, diante de um contexto perturbado, é o medo o principal sentimento que movimenta os habitantes daquele país (...) não havia como deixar Luanda e não havia como viver em Luanda, se não fosse clandestinamente” (SILVA, 2015, p. 12). Além de Ludovica, havia outros nativos portugueses que se encontravam em Angola por diversos motivos e que tinham contato mais direto com o contexto sociopolítico existente no país durante os anos seguintes à conquista da independência, dentre eles Jeremias Carrasco e Magno Moreira Monte:

Magno Moreira Monte representa também, embora de modo mais cínico, a falência do projeto revolucionário em Angola. Durante anos, ele trabalhou como agente da Segurança de Estado do governo angolano. Após comandar uma operação pateticamente executada por um subordinado, o então agente de Estado resolve abandonar a função. Cadernos Imbondeiro. João Pessoa, v. 3, n. 2, 2014. Para Monte, tal episódio havia sido a “gota d’água” em relação às suas insatisfações políticas. Alegadamente, elas estariam relacionadas às “novas orientações do partido” e ao inconformismo com “a rendição à economia de mercado” (MOURA FREITAS, 2014, p. 9).

Jeremias Carrasco e Benjamin eram soldados portugueses e traficantes de diamantes, presos e alvejados com três tiros por Monte, o soldado angolano, quando a Independência Angolana foi declarada. Tempos depois, Carrasco acorda em um hospital, sendo tratado, clandestinamente, por Madalena, uma enfermeira que trabalhava há cinco anos no Hospital Maria Pia, e resgatara o sujeito do cenário de seu assassinato. Desde então, a ex-freira cuidava dos ferimentos de Jeremias Carrasco:

Achei melhor não te levar para o hospital. Cuidariam de ti e, quando estivesse bom, voltariam a fuzilar-te. Assim, paciência, tratei-te eu mesma com os poucos recursos disponíveis. Resta-me tirar-te de Luanda. Não sei por quanto tempo conseguirei esconder-te. Se os camaradas te encontram, fuzilam-me também a mim. Assim que for

possível viajaremos para Sul. Escondeu-o durante quase cinco meses (AGUALUSA, 2012, p. 47).

Os planos incluíam a recuperação total do ex-soldado e que, no tempo devido, Carrasco cruzasse a fronteira em direção ao sudoeste africano, onde poderia encontrar amigos. Jeremias nunca chegou a cruzar a fronteira. Embora as formas com que ambos lidam com Angola sejam completamente diferentes, bem como suas trajetórias dentro do país, há semelhanças entre Jeremias Carrasco e Ludovica Fernandez Mano, especialmente no que tange à memória: “À semelhança de Ludo, Carrasco é considerado morto ou inexistente perante a sociedade angolana. Entretanto, aqueles dois personagens permanecem relacionados com o passado e o presente de Angola” (MOURA FREITAS, 2014, p. 10). No caso de Jeremias, sua experiência de quase-morte resulta no convívio com os nativos de uma tribo que o recebem como um velho sábio, e a convivência com essas pessoas contribui com o seu processo de reconstrução identitária. Enquanto isso, Ludo passa por um processo de esquecimento doloroso e solitário, onde beira a invisibilidade e cogita acabar com a própria vida.

Devido à falta de recursos, Ludo começa a escrever nas paredes do apartamento com pedaços de carvão: “Os dias deslizam como se fossem líquidos. Não tenho mais cadernos onde escrever. Também não tenho mais canetas. Escrevo nas paredes, com pedaços de carvão, versos sucintos” (AGUALUSA, 2012, p. 65). Nas paredes do apartamento, Ludovica – que, àquela altura, não se considerava nem portuguesa, nem angolana -, finalmente, instaura a sua “Teoria Geral do Esquecimento”:

Venho perdendo a vista. Fecho o olho direito e já só enxergo sombras. Tudo me confunde. Caminho agarrada às paredes. Leio com esforço, e apenas sob a luz do sol, servindo-me de lupas cada vez mais fortes. Releio os últimos livros, os que me recuso a queimar. Andei queimando as belas vozes que me acompanharam ao longo de todos estes anos. As vezes penso: enlouqueci. (...) A fraqueza, a vista que se esvai, isso faz com que tropece nas letras, enquanto leio. Leio páginas tantas vezes lidas, mas elas são já outras. Erro ao ler, e no erro, por vezes, encontro incríveis acertos. No erro me encontro muito. Algumas páginas são melhoradas pelo equívoco. (...) Um fulgor de pirilampos pirilampeja pelos quartos. Movo-me, como uma medusa, nessa bruma iluminada. Afundo-me nos meus próprios sonhos. Talvez a isso se possa chamar

morrer. (...) Se ainda tivesse espaço, carvão e paredes disponíveis, poderia escrever uma Teoria Geral do Esquecimento. Dou-me conta de que transformei o apartamento inteiro num imenso livro. Depois de queimar a biblioteca, depois de eu morrer, ficará só a minha voz. Nesta casa todas as paredes têm minha boca (AGUALUSA, 2012, p. 78).

No capítulo “A sutil arquitetura do acaso”, vários personagens, cuja trajetória fora narrada separadamente durante o romance, encontram-se em frente ao apartamento de Ludo e, a partir de então, é traçado o caminho para o confronto entre ela e Jeremias Carrasco, acontecimento essencial para a dissolução do elo entre Carrasco e seu passado. Ainda que estivesse imerso na realidade da tribo dos kuvale há anos, Jeremias ainda permanecia preso em seu passado e, em especial, ao fato de ter causado a morte de Odete e Orlando. Carrasco viaja até Luanda com o objetivo de explicar à Ludo o que aconteceu e pedir seu perdão. Ludo, então, pede que Jeremias pare: “Não se atormente mais. Os erros nos corrigem. Talvez seja necessário esquecer. Devíamos praticar o esquecimento” (AGUALUSA, 2012, p. 163). Ao fim da conversa, a senhora levantou-se e buscou dois diamantes que haviam sobrado para entregar a seu devido dono, Jeremias Carrasco: em sua confissão, Jeremias Carrasco contesta a súplica de Ludo sobre a necessidade da prática do esquecimento. Para ele, esquecer seria a própria morte, uma espécie de rendição. Deste modo, Carrasco parece indicar a importância de o passado não somente ser reconhecido, lembrado, mas, principalmente, encarado e enfrentado (FREITAS, 2014).

Ao analisar os tópicos abordados, percebe-se o quanto o processo de fragmentação e reconstrução identitários estão estritamente relacionados à lembrança e ao esquecimento. Tendo em vista que o ser humano é afetado pelos ambientes que habita desde o nascimento, e que, naturalmente, estes espaços exercem influência em sua construção identitária, bem como em suas memórias, a necessidade de analisar a paisagem em que Ludo se encontra, ao longo do romance, é ressaltada. Destarte, a Geografia Humanista Cultural guia o presente estudo.

## 4.2 Lugar e lugar-sem-lugaridade na Angola de Agualusa

É possível identificar os conceitos da Geografia Humanista Cultural (GHC), presentes em *Teoria Geral do Esquecimento* (2012). Aqualusa acentua, desde o início da narrativa, a aversão que Ludovica sempre apresentou por lugares abertos. Desde os sete anos, a jovem se recusava a enfrentar o céu aberto e resistia firmemente à zombaria de seus colegas da escola, por conta de um guarda-chuva negro que a menina insistia em utilizar sempre que ia ao colégio: “Ludovica nunca gostou de enfrentar o céu. Em criança, já a atormentava um horror a lugares abertos. Sentia-se, ao sair de casa, frágil e vulnerável, como uma tartaruga a quem tivessem arrancado a carapaça” (AGUALUSA, 2012, p. 11). Quando sua relação com o espaço começava a melhorar, Ludovica foi vítima de um evento que, durante grande parte do livro, é chamado de “o acidente”.

Uma tarde, ao chegar em casa, vinda da praia, dei pela falta de um livro que estava a ler. Retornei, sozinha, à procura dele. Havia uma fila de barraquinhas montadas na areia. A noite caíra, entretanto, e estavam desertas. Dirigi-me à barraquinha onde tínhamos estado. Entrei. Ouvi um ruído e, ao voltar-me, vi um sujeito à porta, sorrindo pra mim. Reconheci-o. Costumava vê-lo, num bar, a jogar às cartas com meu pai. Ia explicar-lhe o que estava ali a fazer. Não tive tempo. Quando dei por mim já ele estava sobre mim. Rasgou-me o vestido, arrancou-me as calcinhas e penetrou-me. Lembro-me do cheiro. Das mãos, ásperas, duras, apertando-me os seios. Gritei. Bateu-me no rosto, pancadas fortes, sincopadas, não com ódio, não com fúria, como se estivesse a divertir-se. Calei-me. Cheguei a casa aos soluços, o vestido rasgado, cheio de sangue, o rosto inchado. O meu pai compreendeu tudo. Perdeu a cabeça. Esbofeteou-me. Enquanto me açoitava, com o cinto, gritava comigo, puta, vadia, desgraçada. Ainda hoje o ouço: Puta! Puta! A minha mãe agarrada a ele. A minha irmã em prantos. Nunca soube ao certo o que aconteceu ao homem que me violou. Era pescador. Dizem que fugiu pra Espanha. Desapareceu. Engravidei. Fechei-me num quarto. Fecharam me num quarto. Ouvia, lá fora, as pessoas a segredarem. Quando chegou o momento, uma parideira veio a ajudar-me. Nem cheguei a ver o rosto da minha filha. Tiraram na de mim (AGUALUSA, 2012, p. 166).

A partir disso, além da aversão natural a lugares abertos, Ludo era assombrada por uma vergonha que a acompanhou por muitas décadas. Já instalada no Prédio dos Invejados, a jovem continuava se recusando a sair do apartamento. Naquele país, o desconhecido a esmaga e amedronta constantemente, sensações que alimentam a relação

topofóbica de Ludovica com Angola. Usualmente, classificam-se os espaços em lugar, lugar-sem-lugaridade e não-lugar. Conceitos específicos dos estudos da paisagem que se diferenciam da ideia de Espaço, uma vez que:

“Espaço” é mais abstrato do que “lugar”. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. (...) As ideias de “espaço e “lugar” não podem ser definidas uma sem a outra. A partir da 54 segurança e da estabilidade do lugar estamos cientes da amplitude, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa. Além disso, se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que a localização se transforme em lugar (TUAN, 2013, p. 14).

No que tange ao apartamento, o aposento já não é um lugar de transitoriedade para Ludovica. Logo, a despeito de tê-lo habitado por cerca de 30 anos, o cômodo é um lugar- sem-lugaridade. O apartamento é um lugar entre o passado e o futuro, onde ocorreu a dissolução de suas relações tanto sociais quanto com o mundo; onde não desenvolve o sentimento de lugaridade, já que não se sente pertencente àquele lugar. Basicamente, é um lugar onde Ludo ancorou para testemunhar a passagem do tempo e reestruturar a própria identidade, dado que não se identifica mais como portuguesa, tampouco se considera angolana: “Pensou em Aveiro e compreendeu que deixara de se sentir portuguesa. Não pertencia a lado nenhum” (AGUALUSA, 2012, p. 63).

Ademais, Ludovica experiencia em Angola a sensação de apinhamento. A moça sente-se constantemente esmagada ou amedrontada por elementos deste país, como o céu ou os mitos e, por conseguinte, permanece apinhada no apartamento. A ideia de apinhamento se apresenta como uma contraposição à espaciosidade, que é caracterizada pelo poder de movimento que se tem sobre um lugar. Ludo não tinha essa sensação em relação a Angola por sentir-se o tempo todo esmagada pelo desconhecido que a apavorava. Em *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*, Tuan (2013) discorre sobre a questão da experiência, ponderando que o termo aborda as maneiras como o indivíduo conhece a realidade. Tais maneiras podem variar entre experienciar o mundo de forma direta ou indireta, de maneira passiva ou ativa. Quando o indivíduo experiencia o espaço,

ele aprende e, dessa forma, torna-se capaz de atuar sobre o ambiente, logo, a vencer os perigos que possam estar presentes em determinado lugar. Posto que Ludovica se recusa a experienciar Angola, não atua sobre o espaço e não desenvolve o sentimento de lugaridade durante muitos anos. Em seguida, além de se reconhecer, constantemente, dentro da situação de estrangeira, Ludo passa muitos anos na condição de expatriada: “Desde a sua chegada à Luanda, Ludovica sente-se estrangeira. Essa condição é, posteriormente, agravada pela guerra, que a torna também expatriada” (SILVA, 2015, p.25).

É importante ressaltar que as lacunas deixadas em Ludo não têm origem na própria condição do exílio, mas são agravadas por ele. Abandonar a pátria de origem e estar sozinha em outra geografia e tradição são atos que jamais ficam impunes, de modo que a consciência de ter pertencido a uma nação não pode ser de todo eliminada, nem totalmente substituída pelo lugar do exílio. Afinal, pertencer a uma nação é estar participando de um grupo que corresponde a afinidades culturais, geográficas ou linguísticas. Porém, em Ludo, tudo parece ser agravado e o deslocamento imputa-lhe uma sensação de descaminho e desorientação, muito em função de sua própria história e sensação de ser estrangeira a tudo (FONSECA E SILVA, 2015, p. 16).

A conjuntura de expatriação acarreta diversos efeitos sobre a identidade. No caso de Ludovica, esta condição reverbera em seu processo de esquecimento e reconstrução de identidade, uma vez que não volta a se sentir portuguesa. Ao fim da narrativa, a parede é derrubada e Ludovica reencontra sua filha, Maria da Piedade, “uma mulher miúda e nervosa, com uma cabeleira pardacenta, malcuidada, erguida como uma crista, no alto da cabeça” (AGUALUSA, 2012, p. 153), e recebe o convite de voltar a morar em Portugal. Apesar de Ludo ter residido durante 28 anos naquele prédio, a sua hesitação ao receber a oferta de voltar ao seu país de origem não se dá por apego ou sentimento de lugaridade condizente ao apartamento ou à Angola, mas ao resultado do processo de reconstrução identitária que aconteceu enquanto o habitava. Ludo recebe a proposta de voltar para Portugal e viver com seu único laço de sangue, mas recusa:

Maria da Piedade arrastou a cadeira para junto dela. Pousou a mão direita no seu joelho:

Não vim a Luanda para cobrar nada. Vim para a conhecer. Quero levá-la de volta para nossa terra.

Ludo segurou-lhe a mão:

Filha, esta é a minha terra. Já não me resta outra. (...) vejo cada vez pior. Um oftalmologista, amigo do meu vizinho, esteve aqui em casa, a observar-me. Disse-me que nunca perderei a vista por completo. Resta-me a visão periférica. Hei de sempre distinguir a luz, e a luz nesse país é uma festa. Em todo o caso, não pretendo mais: A luz, Sabalu a ler pra mim e a alegria de uma romã todos os dias (AGUALUSA, 2012, p. 154).

O sentimento de não pertencer mais a Portugal impede Ludovica de voltar à sua terra natal. É a partir da vivência com o jovem Sabalu, quando já não lhe restava nada, que a ex-portuguesa começa a desenvolver uma relação tofílica com Angola, abrindo os olhos para as novas possibilidades que viver no país lhe proporciona, expandindo, literalmente, seus horizontes.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atual literatura angolana, incluindo a obra *Teoria Geral do Esquecimento* (2012), promove a reflexão sobre identidades culturais, por meio de histórias como a de Ludovica, que retratam sujeitos cujas identidades foram fragmentadas por processos políticos e históricos. No caso de Angola, cuja Declaração de Independência ocorreu em 1975, há o enfrentamento constante de um desafio que consiste na reconstrução da História do país e consolidação da identidade nacional angolana, em meio a uma contínua crise sociopolítica. Agualusa reflete, em sua obra, traços autobiográficos, utilizando a verossimilhança para narrar os esforços individuais dos personagens, em contextos variados de deslocamento, isolamento, exílio, esquecimento e confrontos diversos, bem como utiliza artifícios literários para ressignificar, no trato ficcional, a história nacional de Angola.

Dentre as possibilidades de temas a serem abordadas pela obra, destacam-se, neste trabalho, o processo de fragmentação identitária da personagem principal, Ludovica Fernandes Mano, portuguesa, natural de Aveiro, que passa a morar em Angola - país pelo

qual não nutre a sensação de pertencimento e onde se sente uma estrangeira, encaixando-se, assim, na situação de expatriada. A personagem se tranca em um apartamento, onde vive por quase três décadas, assombrada pelas lembranças de sua terra natal, ao passo que se recusa a vivenciar uma nova cultura. Logo, a fragmentação da identidade nacional da personagem é intrínseca ao processo de apagamento de suas memórias. Ludo anseia pelo próprio esquecimento e até mesmo pela própria morte. O apartamento no qual a mulher se encontra é transformado em um limbo onde não se sente portuguesa, tampouco angolana.

Embora trate-se de um processo pleno de acontecimentos dolorosos, o esquecimento se torna necessário para que a portuguesa seja apagada e uma nova Ludovica possa nascer por intermédio da reconstrução identitária. Pode-se identificar e explorar a forma como tal personagem lida com espaços abertos, o apartamento, Portugal e Angola, por meio da abordagem da Geografia Humanista Cultural, utilizando conceitos como espaço, lugar, lugaridade, pertencimento, espaciosidade e apinhamento, questões categoricamente abordadas durante o estudo. Diante disto, é possível concluir que *Teoria Geral do Esquecimento* relata as batalhas de uma sociedade multicultural, maltratada pelo imperialismo, a qual busca se reconstruir. Ludovica é o retrato de Angola.

## REFERÊNCIAS

AGUALUSA, José Eduardo. *Teoria geral do esquecimento*. Rio de Janeiro: Ed. Dom Quixote, 2012.

ARAÚJO, Gabriela da Paz. *Construção da angolanidade na ficção de Agualusa*. 2013. 42f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2013.

AUGÉ, Marc. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CANDAU, Joel. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.

CUNHA, Daniel de Oliveira. *Angola, nascimento de uma nação: um estudo sobre a*

construção de identidade nacional. *Cadernos de Campo*. v.20, n.20, 2011. Disponível em:<<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/36812>>. Acesso em: 09 set. 2020.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura e oralidade africanas: mediações. *Revista Mulemba*. v.14, n.2, julho-dezembro 2016. Disponível em:<<https://revistas.ufrj.br/index.php/mulemba/article/view/5327/3904>>. Acesso em: 09 set. 2020.

GONÇALVES, Rosa Maria da Silva. *Escrever para (não) morrer em teoria geral do esquecimento, de José Eduardo Agualusa*. 2017. 100 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017. Disponível:<<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/18784>>. Acesso em: 09 set. 2020.

GRANJA, Sofia Helena de Vasconcelos Horta. *As teias da palavra: análise das estratégias de desconstrução do discurso de nacionalidade na obra de José Eduardo Agualusa*. 2009. 84 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários), Faculdade de Letras, Universidade Estadual de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009. Disponível em:<<https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/3437>>. Acesso em: 09 set. 2020.

GUIMARÃES, Solange T. Lima. Reflexões a respeito da paisagem vivida, topofilia e topofobia à luz dos estudos sobre experiência, percepção e interpretação ambiental. *Geosul, Florianópolis*, v.17, n.33, p 117-141, jan./jun. 2002.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HARVEY, David. *The condition of postmodernity: an enquiry into the origins of cultural change*. Oxford. Blackwell publishers, 1992.

RELPH, Edward. *Place and placelessness*. London: Pilon, 1976.

SILVA, J. S. da. *Memória e identidade: a construção da personagem Ludovica em Teoria Geral do Esquecimento de José Eduardo Agualusa*. 2015. 34 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2016. Disponível em:<<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/9399>>. Acesso em: 09 set. 2020.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: EDUEL, 2013.